



CABECEIRAS DE BASTO — Mosteiro de S. Miguel de Refojos

(Fot. do engenheiro Soares Leite)

Braga, 28 de Abril de 1928

NUMERO 321 — ANO VII

DIRECTOR E EDITOR,
Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPR'IDADE DA EMPREZA
DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :	
Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :	
Ano	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :	
Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Todos os bons catholicos que desejem instruir-se na
VIDA LITURGICA devem
COMPRAR, PROPAGAR

P.^e ANTÓNIO COELHO

¿O que é a Liturgia?

«... E' a fonte primária
e indispensável do verdadeiro
espírito cristão.» Pio X.

Preço especial : 1\$00 (um esc.) — Para grande quantidade faz-se desconto

Do mesmo auctor

Como hei-de estar na Igreja
(Cerimonial dos Fieis)

Preço 2\$00 — **Quasi esgotado**

Propagar as obras da *colecção* «Opus Dei» é cooperar na restauração do
verdadeiro espirito Cristão.

Pedidos à Administração da Revista «OPUS DEI» == BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

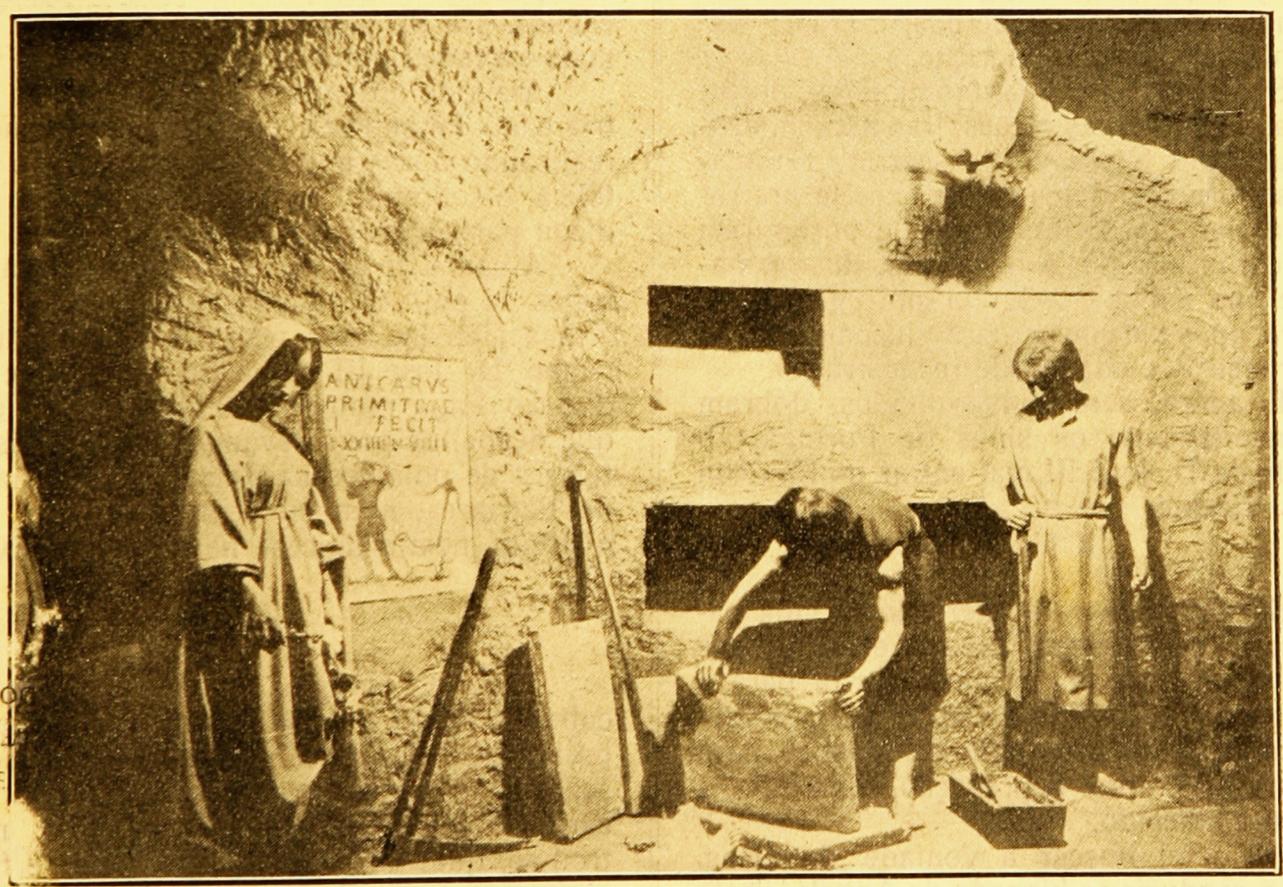
REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 28 de Abril de 1928

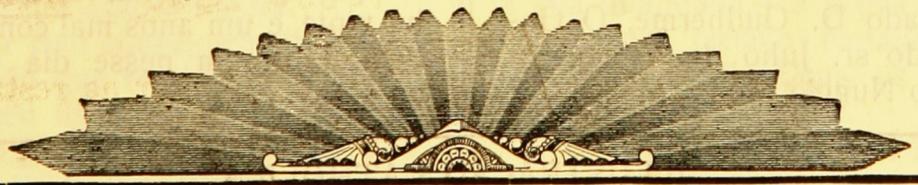
Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 321



NAS CATACUMBAS — Coveiros abrindo o sepulcro para uma martir

(Fot. do Snr. Braz de Carvalho).



Dobram merencoriamente os sinos de Portugal. De terras espanholas vem um ataúde, e encerra os despojos mortais de um Prelado illustre, bom portuguez que foi, e morreu em voluntario exilio, para acompanhar irmãos de religião, que não podiam, nas condições do tempo, viver em terra portuguesa a sua regra conventual.

Prelado illustre que mais de um quarto de seculo regeu a Sé de Lisboa, afastado, por inexcrutaveis designios da Providencia, — por que é a Providencia quem rege os successos humanos, até quando menos o parece — ao momento em que deveria ser mais notavelmente necessaria a sua presença, a Republica não o expulsou, nem lhe negou devidas atenções, nem lhe cercou legitimas liberdades. Porem a sua vocação franciscana, que a purpura nunca diminuiu levou-o para os noviciados que a Ordem, exul, não podia estabelecer dentro das fronteiras.

E na terra extranha faleceu. Braga celebrava o primeiro Congresso catolico diocesano dos tempos modernos, e era a vespera da Imaculada Conceição.

Se a festa é, por tantos motivos, portuguesa, é por muitas razões, franciscana, desde que Duns Scoto, com discorrer irrefragavel, se tornou o defensor da excelsa prerrogativa mariana. E franciscana e portuguesa a celebrou na gloria o exilado illustre, naquele ano em que a Igreja portuguesa ensaiava, após uma perturbação incomportavel, os primeiros cuidados de reconstrução.

E agora, sete anos volvidos, dobram merencoriamente os sinos de Portugal: o ataúde de D. José III, vai entrar no Panteon de S. Vicente.

*

Surpreendeu-o no exercicio da vida paroquial o chamamento divino, e da diocese algarvia de onde era oriundo partiu para o Convento franciscano, onde o empregaram nos serviços do ministerio eclesiastico para que era mais apto. A prégação, sobretudo, o tornou conhecido.

Ali o foi buscar a vontade de Deus, para o conduzir ao bispado de Angola, vasta diocese, disprovida de recursos, e pobrissima de clero. O zelo ardente de D. José, após baldadamente procurar eximir-se, encontrou campo largo para a sua infatigavel actividade.

Disputavam por então o Governo e a Santa Sé, para a escolha de Patriarca que succedesse ao finado D. Guilherme. O Governo, pela voz do sr. Julio de Vilhena, a Santa Sé, pela do Nuncio Mons. Mazella. E

um dia, inesperadamente, Vilhena propoz ao Nuncio a apresentação de D. José. Ei-lo, então, no Patriarcado, e pouco mais tarde preconizado Cardial da Santa Igreja, com o titulo dos Santos XII Apostolos.

Bispo, unicamente Bispo, D. José III, que nada queria da politica, nem à politica agradecia a elevação que tanto pretendeu fugir, foi sempre o antistite formado segundo o coração de Deus. Preconceitos pagãos e arranjos de gabinete ou contemporizações de côrte, eram nada a seus olhos: não lhes ligava um instante de atenção. Não temia desagradar, porque o seu ascetismo o tornava superior aos que o rodeavam.

Foi ao Parlamento, e de tal modo se aborreceu que protestou de não voltar, enquanto não houvesse um partido catolico. Ao Paço ia, se tinha deveres a cumprir, e então falava aos Reis com a mesma simplicidade santa com que noutro tempo falava aos modestos paroquianos de Boliqueime, a coadjutoria donde, por tão extraordinarios caminhos a Providencia o quis conduzir aos mais elevados graus eclesiasticos.

Alma de ardente zelo, o governo do Patriarcado foi, no seu tempo digno de nota, realizando obras notaveis, para a acção catolica, e sobretudo na catequese, a que dedicou particulares atenções.

A saída do Patriarcado foi devida a intrigas de politica humana, que levaram Pio X a aceitar-lhe uma resignação que noutro tempo D. José III havia pedido, e que foi dito ao Papa renovava então, manejo com que despeitos pouco evangelicos e previsões falazes de politicos negociaram a resignação do Patriarca, num momento em que a não queriam, nem a diocese nem o proprio Cardial.

*

E se, no fastigio do poder eclesiastico cobria a estamemha da ordem com as sedas prelaticias, aceita a resignação despiu as sedas e só conservando de sua dignidade cardinalicia os emblemas essenciais, mostrou-se, qual foi sempre um humilde franciscano.

Dobram merencoriamente os sinos de Portugal. O feretro do Senhor D. José III vai a entrar no Templo de S. Vicente, no Panteon dos Patriarcas!

E' uma reparação da historia: manejos da politica o foram arrancar a S. Vicente, ha vinte e um anos mal contados... E tambem dobraram nesse dia merencoriamente os sinos...



MINHA senhora: o seu novo livro — *A Viagem da Vida* — que teve a bondade de me mandar, é ainda poesia e da mais bela, da mais sentida, como diz Mestre Antero de Figueiredo, na sua linda sinfonia de abertura.

Poesia, que por um desvanecio, por um capricho, por uma necessidade emocional, (íntima portanto e até por isso indiscutível) se mascara de prosa sem contudo desfigurar o recheio poetico.

Como certas vezes os olhos dos mascarados esclarecem a pessoa, tambem na prosa embuçada, revela a qualidade poetica e deixa transparecer a pura essencia da mais pura inspiração.

E' que as cento e tantas paginas da sua « *Viagem da Vida* » são pequenos poemas, sem metro mas com poesia, onde as impressões da sua alma de artista se condensam por vezes ligeiramente à laia de notas, outras, em sínteses da grandesa subtil.

Na nossa literatura faltam os livros de este genero, ingenuos pela indole e pela forma, mas nem por isso desprovidos duma moral, desataviados de conceitos.

A sua « *Viagem da Vida* » onde guarda, num praser voluptuoso a ansia deonistica de crear beleza, de arquivar belesa dispersa, convida a viajar, arrasta o espirito para a deleitosa jornada do pensamento, atravez de almas e de paisagens, na esteira dôce das mais requintadas sensações.

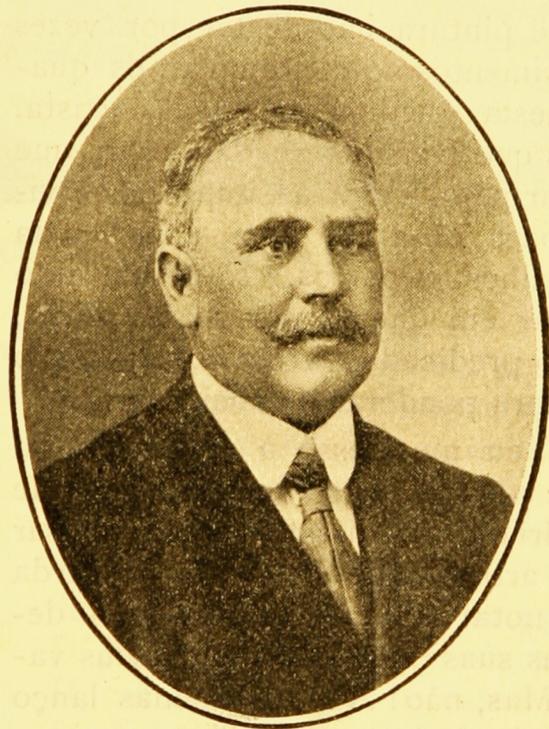
E no ritmo cadencioso dessa prosa especial, dessa prosa poesia, repito, quantas almas poderão embalar a fantasia alada nessa doce e suave melopea.

A poetisa illustre dos « *Sonetos* » e da epica taboa santa « *Auter da Batalha* », em sua alegre jornada não se esconde nem desmerece, que como sempre, se revela maga e fascinadora tangedora de lira, no verso como na prosa.

O *Culto dos mortos*, onde há, em nevoa uma suave filosofia; a bisarra cantata dos « *Relogios* », « *A casa modesta* »; o lindo psalmo da « *Tristeza e Alegria* »; « *A ponte* », os « *Pinhais* » impressionantes telas de forte relevo pictural, são trechos de prosa que não deshonram a autora illustre.

Mas nem por isso conseguem desvanecer-me a impressão que recebi, ao primeiro contacto com o seu livro em prosa, que é, minha senhora, e perdoe a sinceridade, que

prefiro le-la e admira-la nos seus livros de versos e plenamente me convenço que a sua nova obra não é mais do que o caderno onde foi notando os motivos que atravez da vida a impressionaram e um dia ha-de vestir com a elegancia suprema da sua arte, dos arrebiques das ruinas, dos canoros curopéis do ritmo, por em verso afinal, na unica doce e requintada linguagem em que a sua alma sabe fazer-se entender e admi-



DR. GASPAR DE QUEIROZ RIBEIRO

Insigne artista do «Caminho do Ceu», e outras obras poeticas religiosas

rar por todos. Não vale então este livro? Vale e muito, porque nas suas paginas há esplendidos conceitos, paisagens deliciosas, visões deslumbradoras, porque a sua *Viagem da Vida*, é um doce *Bedaecker* do sentimento, um amavel guia da inspiração, mas ainda e sobretudo — e isso rende a sua a alta qualidade — a prova provada, de que os poetas, mesmo tentando a prosa, são sempre, louvado Deus, os mesmos poetas e apenas poetas afinal.

José de FARIA MACHADO.

Exposição de Quadros de D. Maria Eduarda Lapa — No Salão Silva Porto, no Porto

No Salão Silva Porto, apoz o grande Mestre Artur Loureiro vem expor os seus quadros a Snr.^a D. Maria Eduarda Lapa.

Ainda com os olhos cheios dos quadros do Mestre Loureiro, os amadores de pintura hão-de ter por vezes desfalecimentos ao contemplar os quadros desta distinta e novel artista. Mas, os que á critica se dão, tem que desterrar para longe as impressões visuais, para observar com consciencia os trabalhos expostos. E assim, irão encontrar em quem, por assim dizer, começa predicados artisticos que são muito para ponderar e considerar.

Se eu me desse à pertença ou vaidade de me considerar critico de Arte, viria agora dissecar e escarpelisar a obra artistica de D. Maria Eduarda Lapa e notar em cada tela os seus defeitos, as suas qualidades e os seus valores. Mas, não!... Eu apenas lanço do papel as impressões passageiras, mas agradabilissimas, que me deixou, no conjunto, a interessante exposição.

Rudes, mas sinceras, elas aí ficam expressas como preito de homenagem a quem, pelo seu proprio esforço e pelo seu proprio estudo, se tem sabido elevar, até ser hoje alguém, um verdadeiro valor, entre os artistas pintores, portugueses.

Tocando todos os generos de pintura, desde o pastel ao oleo, ela tanto nos dá paisagem como figura. Mas, aonde D. Maria Eduarda Lapa é inegavelmente uma artista de valor é nas flores.

Fraca nas paisagens, se bem que algumas tenha que mereceriam especial menção, onde ela é consumada é nas flores.

A' figura dá-lhe alguma gracilidade, no entretanto, não é esse, em mau entender, o seu verdadeiro genero.

Flores! Flores, é o que a novel artista devia pintar sempre, porque ela tem na sua paleta, frescura, côr, orvalho e aroma, (deixem-me assim dizer).

As suas rosas, as suas camelias, as suas glicinias, os seus malmequeres, teem vitalidade, fragancia, perfume e verdade.

Parece que o rocicler da manhã, em algumas delas, as orvalhou consoladora e amorosamente.

Eu, deante de algumas das suas rosas, até parece que senti o perfume suavíssimo das mesmas, e, no entanto, eram apenas pintadas.

Mas, não é para admirar que os seus quadros de flores, e de figura, tenham condições de valor, porque esta senhora, sabe uma coisa que muitos pintores não sabem: desenhar.

Há na exposição uma dezena de desenhos, entre os quais há alguns que são verdadeiras joias.

Figurinhas de mulher, traçadas com subtileza sem empastamento de lapis ou de carvão, *fluidas e vaporosas* como são as mulheres de hoje.

Confesso que foi esta uma das seções da exposição que mais me encantou.

Os dois retratos a pastel que ali há, são na verdade bem trabalhados e com semelhança flagrante.

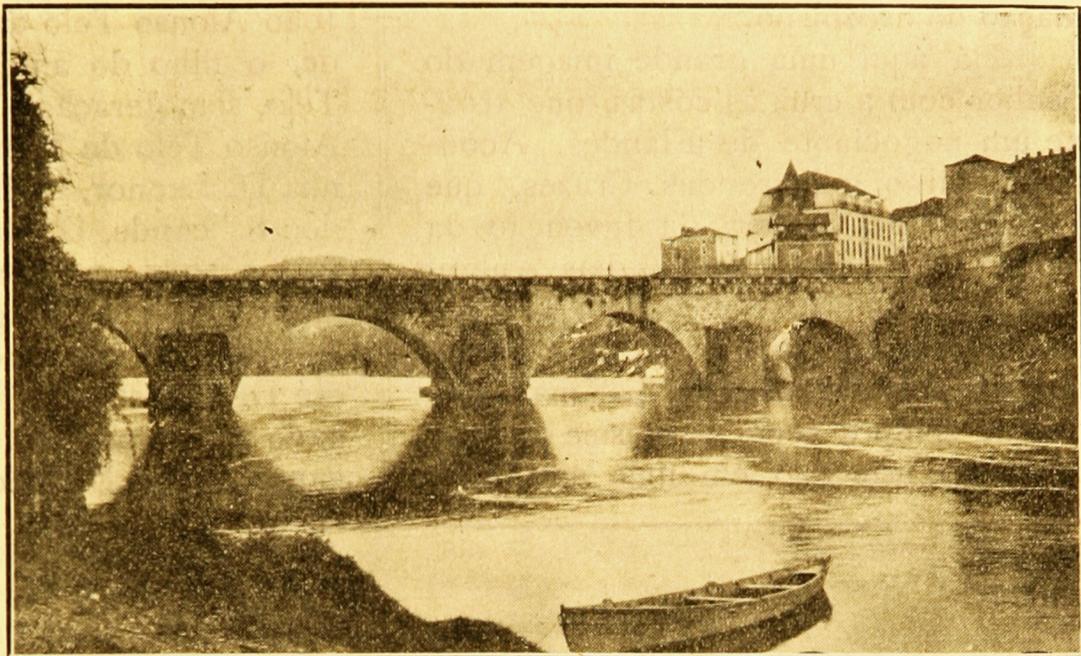
E nada mais, porque se mais longe fosse nesta minha desportenciosa nota, sobre a exposição, poderiam os invejosos dizer, que eu estava a incensar a distinta artista por ela ser uma senhora.

ANTONIO DE LEMOS (ALVARO).

VILA DE BARCELOS

Esta linda e nobre vila é uma das povoações de Portugal mais graciosamente situadas; está sentada na margem direita do Cávado, em terreno elevado, quanto basta para bem disfrutar as pitorescas vistas do rio, sem ser por este incomodada em ocasiões de cheia; os arredores são deliciosos pela sua amenidade e beleza,

pelo bem cultivado dos terrenos, e pelas margens encantadoras do Cávado, rio que os Romanos denominaram *Celandus* ou *Clelanus*, que nasce nas Asturias, e entrando em Portugal dirige-se à serra do Gerez; depois, passando a uma legua da cidade de Braga, recebe o rio Homem, que tem origem naquella serra; corre junto das vilas de Prado, onde o corta uma ponte, e de



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado.

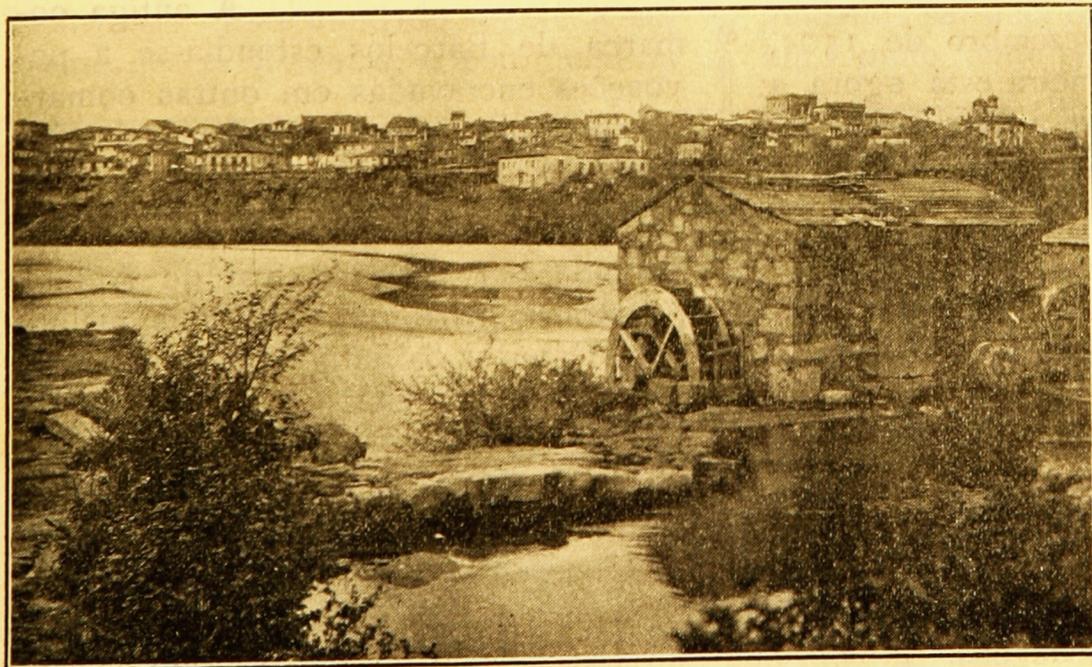
(Cliché do snr. Dr. Graça Faria)

Barcelos, onde tem a bela ponte de pedra, e finalmente desagúa no Oceano entre as vilas de Fão e de Esposende.

Tem muros com duas altas torres, que lhe mandou fazer D. Afonso, primeiro duque de Bragança. A Colegiada de Santa Maria foi fundada pelo duque D. Fernando, e confirmada por Paulo II, em 1474. Junto às casas do duque fez Tristão Gomes Pinheiro, as suas cas-

casas com duas torres; era fidalgo honrado de Galiza e Portugal; é aqui o solar dos Pinheiros, de que houve homens notáveis, principalmente em letras, assim seculares, como eclesiásticos, e muitos bispos.

A Colegiada tinha um prior, que colava os conegos, e provia os benefícios da

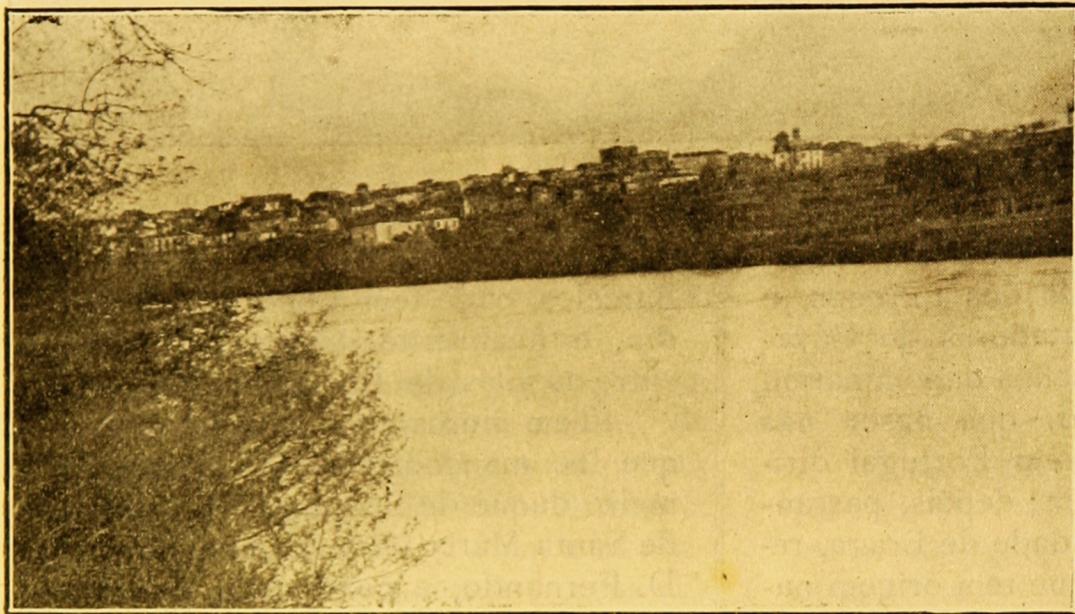


BARCELOS — Azenhas em S. André de Vessadas.

(Cliché do snr. Dr. Graça Faria)

massa ; tinha chantre, mestre-escola, tesoureiro-mór, arcipreste, dois canonicatos, e seis tercenarios, datas da casa de Bragança, e as dignidades eram confirmação do arcebispo.

Há aqui uma grande imagem do Senhor com a cruz às costas, que trouxe um negociante de Flandes. Acontece aqui o milagre das Cruzes, que aparecem na vespera da Invenção da Santa Cruz, e duram 5 a 6 dias, e algumas vezes também na Exaltação ; são de cor negra, de uma braça de altura, e largura proporcionada, e por mais que cavem sempre tem a mesma forma : teve isto principio em uma manhã de



BARCELOS — O rio Cavado no Penedo do sol.

(Cliché do snr. Dr. Graça Faria)

sexta-feira, 20 de Dezembro de 1504, e aonde se viu a primeira está agora a capela do Senhor com a Cruz às costas.

D. Afonso Henriques lhe deu foral, que D. Manuel reformou.

Teve voto em cortes no Banco 4.º Foi condado, que D. Diniz deu a D. João Afonso de Menezes, casado com D. Tereza Sanches, filha de D. Sancho III de Castela ; e tiveram D. Tereza Martins, casada com Afonso Sanches, filho bastardo do rei de Portugal D. Diniz, senhor de Albuquerque : 2.º conde D. Martim Gil de Souza, casado com D. Violante Sanches, filha do primeiro conde, ambos estão sepultados em Santo Tirso : 3.º conde, D. Pedro, filho

bastardo do rei D. Diniz, casou duas vezes, e não teve sucessão ; está enterado no convento de Tarouca ; 4.º conde, D. Martim Afonso : 5.º conde, D. João Afonso Telo de Menezes : 6.º conde, o filho do antecedente D. Afonso Telo, sem geração : 7.º conde, D. João Afonso Telo de Menezes, irmão da rainha D. Leonor, mulher de D. Fernando : 8.º conde, D. Nuno Alvares Pereira, em 1285 : 9.º conde, D. Afonso, primeiro duque de Bragança, seu genro ; e continuou nos duques de Bragança, até D. Sebastião, que o levantou a ducado nos primogenitos da casa de Bragança, sendo D. João o primeiro duque de Barcelos, filho de D. Teodosio ; depois passou aos reis.

A camara servia de capitão-mór, e tinha 28 companhias de Ordenança.

No tempo das guerras da aclamação de D. João IV, deu para elas 7 terços de infantaria, 1500 gastadores, e 500 carros.

A antiga comarca de Barcelos estendia-se a povoações encravadas em outras comarcas, algumas delas na distancia de vinte leguas.

Ha quem diga que Barcelos foi fundada por Amilcar, pai de Anibal, (general Carthaginez e um dos melhores guerreiros da antiguidade), 230 anos antes da Era Cristã.

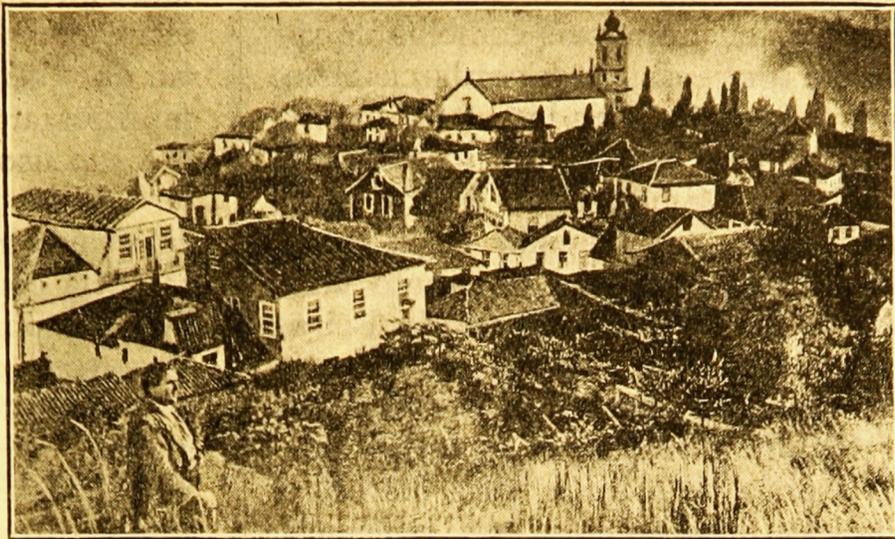
Sobre este assunto tem dissertado os antiquarios com tão encontradas opiniões, em meio de tamanha escuridão, que não é possivel fazer-se um juizo seguro ácerca da epoca da fundação de Barcelos, e de quem foram os seus fundadores ; pretendem uns que foram os Barcinos, colonia Carthagineza, que

fundaram Barcelona na Catalunha, e Barcelos no Minho, dando-lhes nomes derivados do seu proprio; sustentam outros que esta terra deve o seu principio aos romanos, que a fizeram cidade com o nome de *Aguas Celenas*, por causa do rio Cávado, que então se chamava *Cellano*.

Alguns etymologistas querem que o nome primitivo fosse *Barracellani*, Barra do Rio Cellano, e que daí se corrompeu no de Barracelos, e depois no de Barcelos; outros rejeitando esta opinião, afirmam, que de uma barca de passagem que ali havia ao tempo da fundação da vila, tomou esta o nome de *Barca Celli*, por abreviativo de Barca Cellani, e que deste se derivou o actual.

O que se pode, todavia, ter por certo é que a sua antiguidade é muito grande.

Foi esta a primeira terra que os nossos reis erigiram em condado; anteriormente houve condes, mas sem titulo particular de terra alguma, como por exemplo — o conde D. Mendo, que foi um grande valido de D. Afonso Henriques. Este condado seguiu a successão que já dissemos, e continuou na



CASTRO DAIRE — Vista geral.

casa de Bragança: pelo casamento de D. João, primeiro duque de Barcelos, com D. Catarina, filha do Infante D. Duarte, duque de Guimarães, coube a esta princeza o direito de successão ao trono por morte do Cardeal rei D. Henrique, direito que só teve os devidos efeitos no fim de sessenta anos de usurpação de Castela, pela aclamação de D. João IV, oitavo duque de Bragança e neto do duque D. João e de D. Catarina; desde então ficaram anexos à casa real os titulos de duque e conde de Barcelos.

A Colegiada é um bom templo de tres naves, que apesar das reedificações que tem tido, ainda mostra a sua antiguidade; em uma das suas capelas está um tumulo, onde jaz Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo da casa do duque D. Afonso, a quem este principe encarregou a edificação dos muros da vila e a do palacio ducal; em uma capela por baixo da torre está sepultado seu quarto neto, Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcelos e comendador de S. Pedro da Veiga de Lilla.

Outros sepulcros desta familia atestam



CABECEIRAS DE BASTO — O largo principal de Refojos, lado nascente.

ainda a sua muita nobreza. Alem da Colegiada, os principais edificios da vila são, a Igreja da Misericordia, o Hospital, a casa da Camara, e o extinto convento dos Capuchos; o Hospital, contiguo à Misericordia, e por esta administrado, foi fundado em 1711 à custa do real de agua; o extinto convento foi fundado no campo da Feira, no ano de 1649, e pertenceu aos Capuchos Piedosos da provincia da Soledade.

No primeiro quartel do seculo passado vieram de Monsão para Barcelos as freiras Benedictinas; este convento porem foi suprimido.

Barcelos tem algumas casas nobres de agradável prospecto; conserva muitas partes da sua velha cerca de

muros, em que se abriam quatro portas chamadas da *Torre da ponte*, *Porta nova*, do *Vale*, e da *Fonte de baixo*; e trez postigos, o da *Feira*, o das *Vigandeiras*, e o dos *Pelames*.

O paço dos duques de Bragança, está em ruinas; não obstante, avulta e campeia com as suas altas paredes, denegridas por mais de quatro seculos, em uma posição pitoresca, sobranceira ao rio e à ponte, e está proximo à Colegiada.

Abastecem a vila de excelentes águas trez chafarizes dentro dos antigos muros, e quatro nos suburbios; o chafariz do campo da Feira, em frente da ermida do Bom Jesus, tem duas taças e é de fôrma esbelta.

BRIC-À-BRÁC

IV

Um dramaturgo catolico

A representação há dias levada a efeito, no Porto, pela admiravel actriz Ilda Stichini duma das peças mais notáveis do moderno teatro francez veio revelar ao público quasi sempre desatento da nossa terra o nome dum dos maiores dramaturgos da raça latina: Henry Gheon.

Havendo militado durante longo tempo na falange revolucionaria da «Nouvelle Revue Française», o célebre escritor desperdiçou perdulãriamente por aquela revista e numa obra mèremente destrutiva os fulgores inegaláveis do seu privilegiado talento.

Rara sensibilidade moral, ardente temperamento combativo, possuidor da mais requintada alma de esteta, dotado do mais profundo sentido crítico, senhor do mais nobre e generoso coração, Henry Gheon foi daquelles a quem os trágicos horrores da grande guerra conseguiram trazer ao bom caminho. O filho pródigo, desiludido e triste, regressou ao lar paterno depois de percorridas as íngremes veredas das falsas ideologias e das falsas crenças, desvanecidas para sempre as loucas miragens em que se perdera o seu espirito, sedento de verdade e de justiça. Tendo vivido com intensa amargura as horas terríveis da conflagração europea, aterrado com a galopada frenética dos quatro ginetes do Apocalipse; pressentindo com uma visão

extraordinária o predomínio da matéria sôbre o espirito que o hálito purificador da metralha não conseguiria destruir, Henry Gheon converte-se fervorosamente ao catolicismo e torna-se um dos seus mais ardentes evangelistas.

Quando o notável publicista católico surgiu para a dramaturgia, o teatro do seu país, em plena decadência, debatia-se na mais desoladora das crises. Recordemos a propósito estas judiciosas palavras de Emile Fabre, o dramaturgo vigoroso da *Vida pública*, peça admirável em que há por vezes o vigor de um Balzac; «En ce qui conçerne le théâtre, l'école, qui règne actuellement est celle des gros sous. C'est même déplorable. Quand on parle d'une pièce, on demande toute de suite; «Fera-t-elle de l'argent?» ou bien: «Fait-elle de l'argent?»

E' com efeito a preocupação exclusiva do dinheiro aquela que guia a maior parte dos dramaturgos contemporâneos. A prohibidade intelectual, atira-se para traz das costas, como objecto desnecessário e vá de se contemporisar com a massa anónima da multidão, proporcionando-lhe os manjares que mais satisficam o seu ínfimo paladar.

Querem a graça obscena? dá-se-lhes a graça obscena. Querem a pronografia? dá-

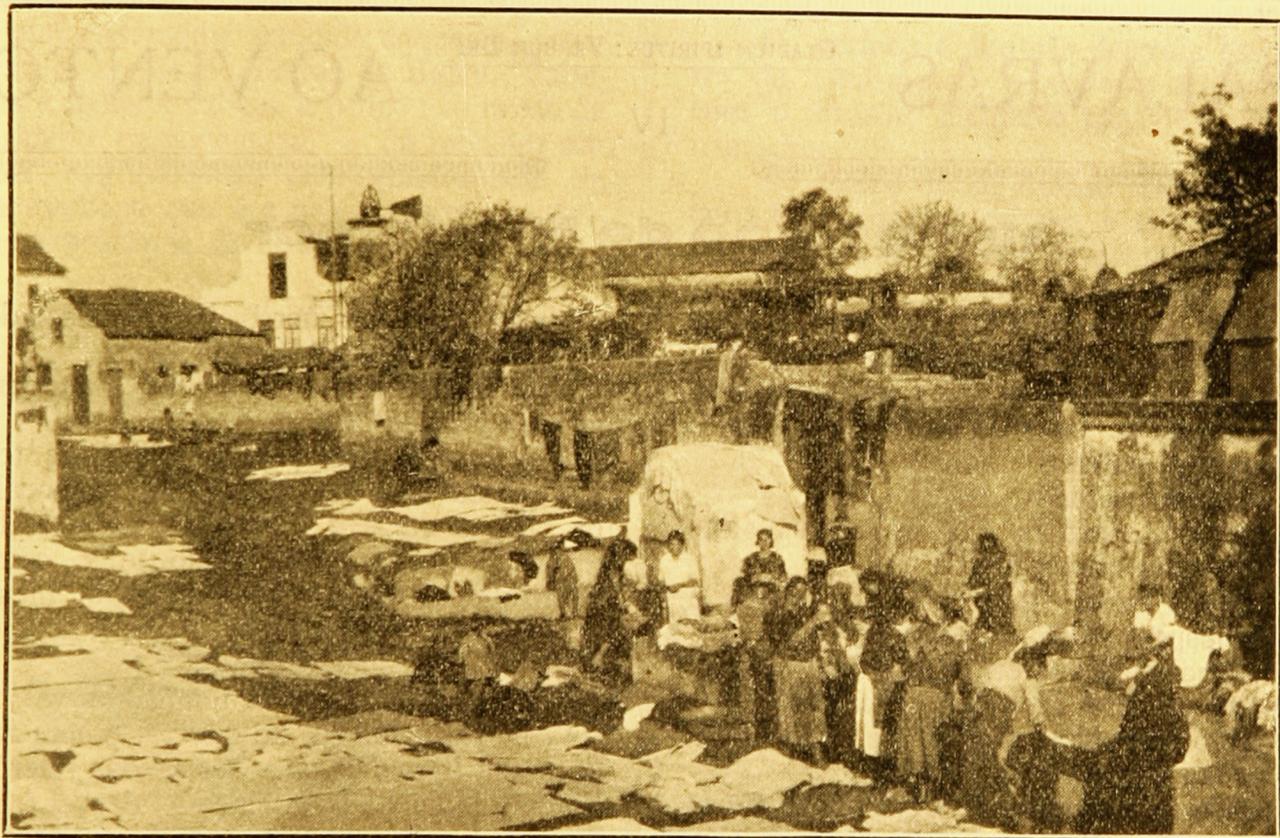
se-lhes a pronografia. Querem o *nú artístico*? dá-se-lhes o *nú artístico*.

Eis aqui um dos factores primaciais da crise que o teatro atravessava à chegada do dramaturgo ilustre do *Triunfo de S. Tomás de Aquino*.

Ao teatro romântico de Hugo, sonoro e orquestral, vibrante como um toque de clarim; à patologia social dos dramas de Dumas; ao teatro róseo e delicado de Musset, fragrante como um ramo de violetas e luminoso como um raio de sol; ao de Sardon, folhetinesco e inverosímil, cheio de *ficeles* e de *trucs*, mas empolgante e dominador; ao de Curel e Hervieu, filosófico e vigoroso, em

Apavorado com esta tremenda derrocada em que dia-a-dia ia vendo submergirem-se muitos confrades seus, Henry Gheon convicto de que só o cristianismo poderia sêr o dique a opôr à corrente materialista que varria todo o mundo e sentindo-se capaz de dar alma e vida às aureoladas figuras de alguns santos, resolveu, para nos servirmos das suas próprias palavras: *Allumer... les premiers foyers d'un art neuf, soustrait au lucre et à la mode et capable de rayonner*.

Compreendendo que o teatro católico fôra até ali (salvo as tentativas interessantíssimas de Rochard, de Claudel e de Soizat) uma autêntica ficção e isto mercê dos seus



AVEIRO — Fonte dos Amores na rua Ilhavo

(Foto. D. Francisco Tavadede)

que se debatem conflitos de ideias; ao de Rostand, cheio de *panache* e de brilho, succedeu-se o teatro de Berustim que tendo por único fulcro a crápula do dinheiro, só nos apresenta almas sordidas e motivos sordidos; o de Bataille, vazio inteiramente de conceitos e interessante apenas pelo que nele há de beleza formal; o de Mirbeau e Lorrain, verdadeiras cartilhas cróticas, onde fermentam miasmas putridas, e, lògicamente, descendo sempre, até à frandulagem do moderno teatro do *boulevard*, o teatro *rosse* de Paris, à frente do qual se destaca como modelo de género a célebre *Garçonne de Margaritte*, há muito reclamando o *bisturi* de um novo hombroso literário.

moldes estreitos, pois representado por fieis só era ouvido por fieis, Henry Gheon resolve lançar-se de alma e coração à tarefa maravilhosa de procurar entusiasmar todo o público pelo seu teatro fundamentalmente cristão. Como conseguiu-o, porém? Esse milagre realizou-o o artista insigne humanizando as suas figuras religiosas de molde a serem compreendidas por todos, cultos ou incultos, crentes ou descrentes.

Desde o início da sua cruzada heróica, já Gheon escreveu vinte e tantas peças, que, — caso curioso êste, revelador da mais pujante, vigorosa organização teatral, — são sempre, sempre desiguais, diferentes, nunca monotípicas e repetidas. Há-as de todos os

gêneros, em prosa e em verso, drama ou farsa, desde os moldes arcaicos da tragédia grega ou dos mistérios ingênuos e típicos da meia-idade, à maneira inovadora e futurista, se assim o quizerem, de Pirandello. Em todas elas quer se denominem o *Triunfo de S. Tomás de Aquino*, a *Vida profunda de S. Francisco de Assis*, o *Pobre debaixo da escada*, ou o *Wang, o sábio trez vezes sábio*, prepassa a mesma rajada magnífica de fé. Avassala-nos, esmaga-nos, domina-nos, tão grande, comunicativa e abracadora fé!

Consola na verdade o ver, numa época de sordido egoísmo em que as almas se deixam tombar no marasmo da indolência e da

dúvida, um batalhador de tão rija tempera terçando brilhantemente armas com o entusiasmo de um velho cruzado e a energia varonil dum novo apóstolo, pela Causa Católica, a única barreira na verdade a opôr à invasão desse teatro de pacotilha exportado de Paris, que ainda a nossa família era um bloco indestrutível já nos acenava com o trapo vermelho do divórcio; ainda as nossas mulheres eram profundamente virtuosas e já lhes apregoava os elixires perfumados que colorem as suas faces de côr de rosa e põem tanta vivacidade nos seus olhos e tanta atracção nos seus lábios pintados.

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

PALAVRAS

GLADIUM SPIRITUS: VERBUM DEI

AO VENTO

IV

Ainda Nuno de Montemor

Nuno de Montemor é uma grande alma que se insinua maravilhosamente, um grande espírito que nos prende e nos enleva. Ouvilo falar faz bem. As suas palavras consolam, dão alento, iluminam.

— Então, a ideia...?

— A ideia triunfa! E' já uma victória!

— Espera muito dos novos?

— Dos novos, meu querido amigo, é que eu espero tudo, e com eles conto, porque foi por eles que eu desfraldei a bandeira, neste píncaro azul da Estrela. Ah! eu não quero que eles passem pelas humilhações inúteis que eu sofri...

... Mas precisamos de disciplinar a nossa acção, organisando-a à volta da nossa Távola-Redonda, como irmãos que digam todas as verdades.

— A hora é de combate...

— Não podemos admitir, nem devemos, que valores que se dizem católicos guardem silêncio à roda da nossa empresa. Que nos aconselhem, que discordem, mas que não emudeçam.

— Vão adiantados os trabalhos do concurso?

— Estou, agora, a dar um balanço aos nossos valores, que são muitos, em fé e talento, e vai-se aproximando o tempo de sabermos quais as unidades de combate com que podemos contar.

— E depois?

— Depois, escolhidos os cavaleiros da inteligência, importa que eles, sempre unidos na mais carinhosa e leal fraternidade, se deem as mãos, libertando-se de intrigas e

vaidades que são horrivelmente assoladoras no campo da literatura e da Arte.

— O Norte de Portugal? Tem correspondido ao seu apêlo?

— Sem dúvida alguma. No Norte, temos excelentes cavaleiros: O P. Silva Gonçalves, os rapazes da «Gil Vicente», o nosso brilhante camarada Teixeira Pinto, que, como o meu amigo, veio, entusiasmado, ao meu encontro.

— O Teixeira Pinto...

— O Teixeira Pinto tem muito valor.

— Também ele se queixa, e com razão, de o seu livro *Ribamar* ter apenas referência de dois jornais. Não podemos descer à ignominia de fundar uma associação de elogio mútuo, mas o silêncio é que se não admite. Nós, meus caros cavaleiros, não o consentiremos. Esse silêncio é uma infâmia contra a Inteligência. *Ribamar* revela um novelista cristão de belas qualidades, e se nós matamos os que teem valor, com que havemos de contar? Não, isso acabou em Portugal!

— São já muitas as publicações a defender a iniciativa?

— Actualmente, temos cerca de 20, incluindo 3 diários que nos aplaudem. Mas precisamos de conquistar mais...

Além disso, precisamos ainda de criar um mercado católico para os novos escritores. De outro modo, não há empresas tipográficas que resistam, nem escritores que se mantenham.

— O que é triste, profundamente desolante é que nem todos compreendam a causa por que se luta...

— Nem todos nos compreendem, sim. Mas todos acabarão por nos fazer justiça e o público da literatura católica surgirá.

E termina assim Nuno de Montemor com estas palavras vibrantes, que teem a energia formidável dum rasgo de heroísmo:

— Contra mim, que se faça tudo quanto se quizer, porque nada me desanimará; mas, contra a *ideia*, isso é que eu não tolero, porque ela serve Deus e os novos!

MOREIRA DAS NEVES.

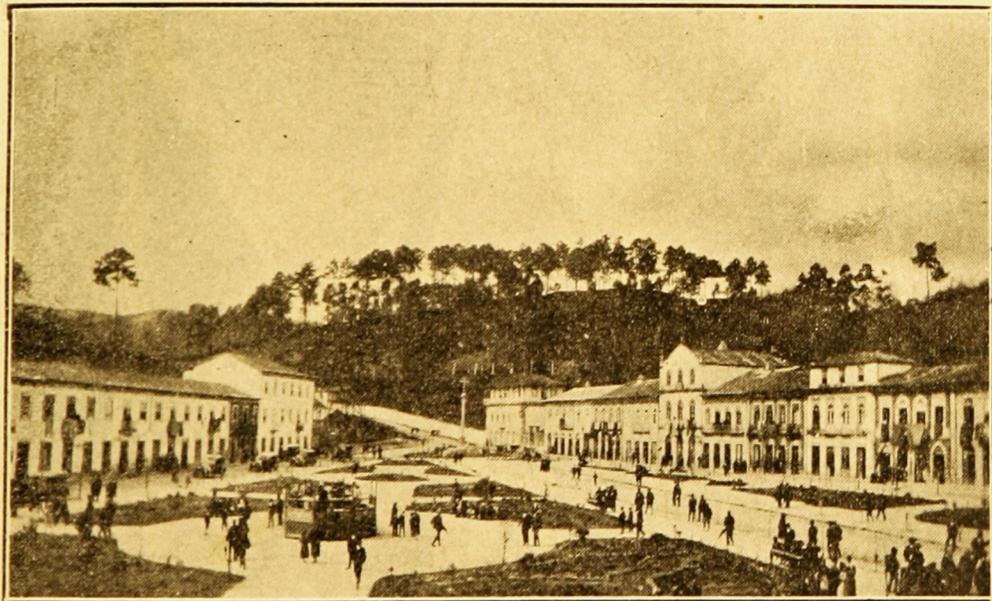
CABECEIRAS DE BASTO

No extremo limite do districto de Braga, raiaute já com as provincias transmontanas e durienses, juntam-se os concelhos de Cabeceiras e Celorico que, com o de Mondim, administrativamente scindido daqueles, constituem a região de Terras de Basto. Cabeceiras é delas a cabeça e o tipo: — mixto da severidade transmontana, e da robustez duriense, engrinaldadas pela graciosidade de linda cachopa que é a nossa sobretodas dulcíssima provincia do Minho.

Refojos tem uma história muito longeva. A sua fundação data de 670, reinando em Braga o suevo Recessuinto; é attribuida a Hermigues Fafes, outros a dizem de Soeiro. O período árabe não destruiu esse centro de civilização: o convento acomodou-se com o invasor, mediante pagamento de contribuição.

No tempo de D. Afonso Henriques, restaurado o governo cristão, o convento de S. Miguel obteve direitos de couto, prerogativa que custou ao D. Abade a quantia de 800 morabitinos.

E' o convento de excelente traça, com vários primores de arquitectura que seria longo pormenorizar. A construção do templo, é claro, já não é a primitiva de Hermigues Fafes: moderna e sumptuosa renascença lhe succedeu e a outros, desenvolvendo, porém, a forma crucial tanto do agrado dos architectos cristãos no passa-



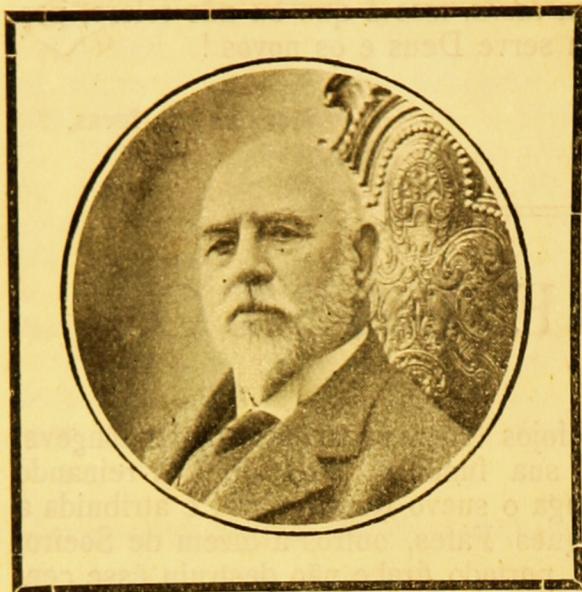
CABECEIRAS DE BASTO — O largo principal de Refojos, lado oeste.

Os terrenos em que demora são férteis, e Cabeceiras, situada na margem do Tâmega, produz bons cereais e vinho esplêndido, um dos sub-tipos do paladar minhoto. Cabeceiras tem uma frèguesia S. Nicoláu, que era da apresentação dos arcebispos de Braga; e primitivamente Santa Marinha, onde apresentavam os Pereiras. Consta que houve foral manuelino, dado em 5 de Outubro de 1514.

O principal valor do concelho vem-lhe do convento beneditino de S. Miguel de Refojos, em volta do qual se tem modernamente formado uma nova vila, e que é o centro da povoação.

do, e alindada dos enfeites elegantes em que é pródiga a ordem composita. O zimbório que se ergue sôbre o transepto sóbe a quasi 40 metros. E' digno de nota uma formosíssima imagem de Cristo crucificado que preside ao côro, e nele são de notar os escanos dos monges, feitos de ebano, como de ebano são as balaustradas que separam do presbiterio o corpo da igreja. Frente a esta, um espaçoso largo, que está edificado de modernas construções. Lá ao fundo uma ingénua escultura sem lavor de arte, representa ou remeda um soldado. Tem na rodela uma inscrição: Ponte de S. Miguel, Refojos 1690. E' o Basto!

DR. MANUEL JOAQUIM PEIXOTO DO REGO



Na vizinha freguezia de Palmeira, faleceu, ultimamente, o snr. dr. Manuel Joaquim Peixoto do Rego, casado com a Snr.^a D. Maria da Conceição Ferreira Rego, muito conhecido e estimado em Braga, medico muito distincto, e que se tornou um benemerito naquela freguezia, no uso da sua clinica que sempre exerceu para com os pobres, por uma caridade evangelica.

Era possuidor dum caracter finissimo, e justamente considerado pelos seus amigos, que tantos tinha, e que a todos captivava, pelo seu trato afavel.

O seu funeral constituiu na igreja parochial de Palmeira, uma verdadeira consagração ao benemerito que tanto fez pela sua querida terra natal.

Bem o mereceu quem, em vida, tão largo exemplo soube dar, tornando-se um chefe da familia exemplar e um verdadeiro homem do seu tempo, util e querido de todos os seus concidadãos.

Ao templo da parochial igreja de Palmeira, concorreram a prestar a ultima homenagem ao saudoso dr. Peixoto do Rego, tudo o que há de mais distincto, em todas as classes sociais de Braga e freguezias limitrofes.

Bem digno foi, pois, dessa homenagem, o benemerito e inclito dr. Peixoto do Rego.

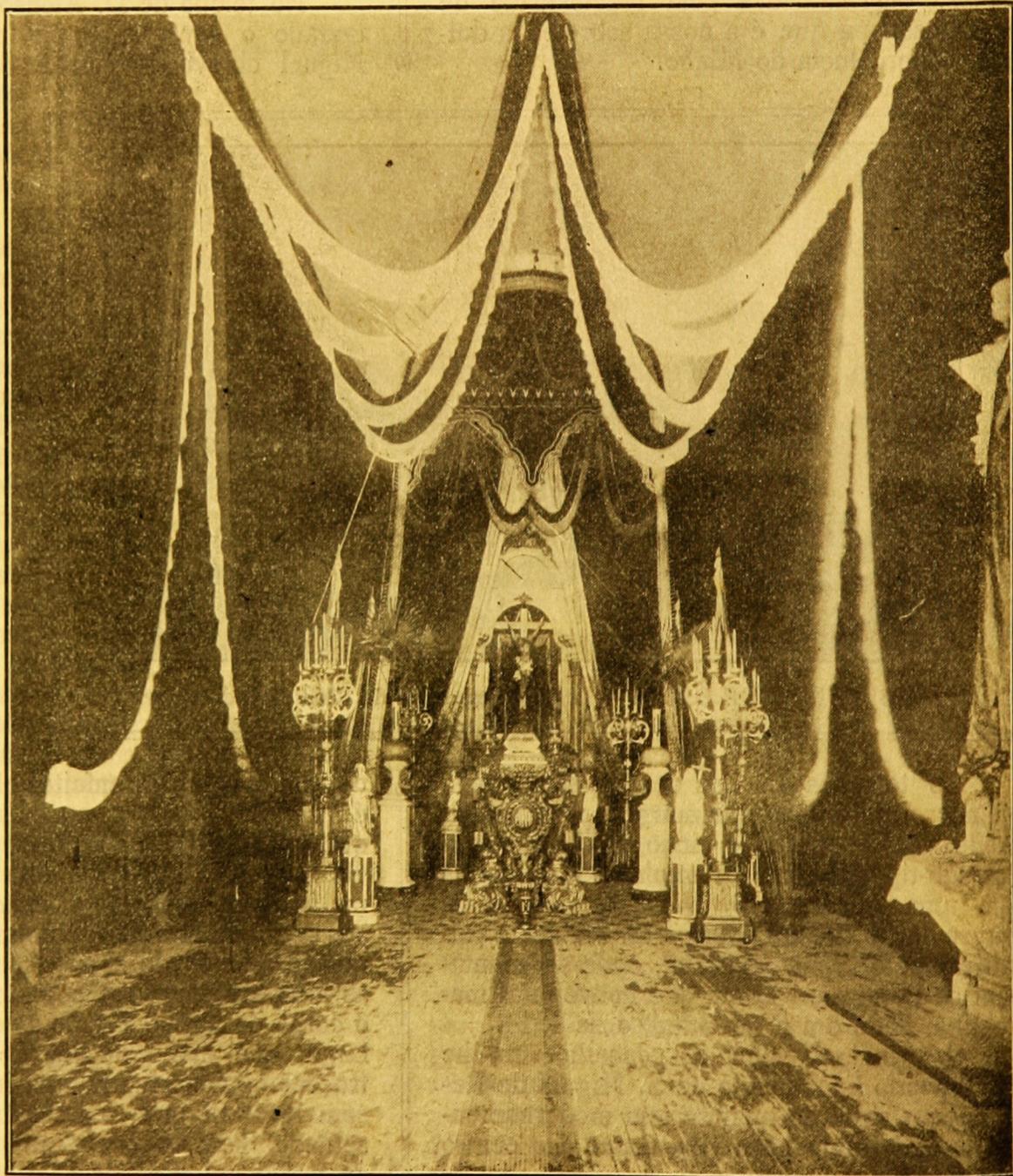
*

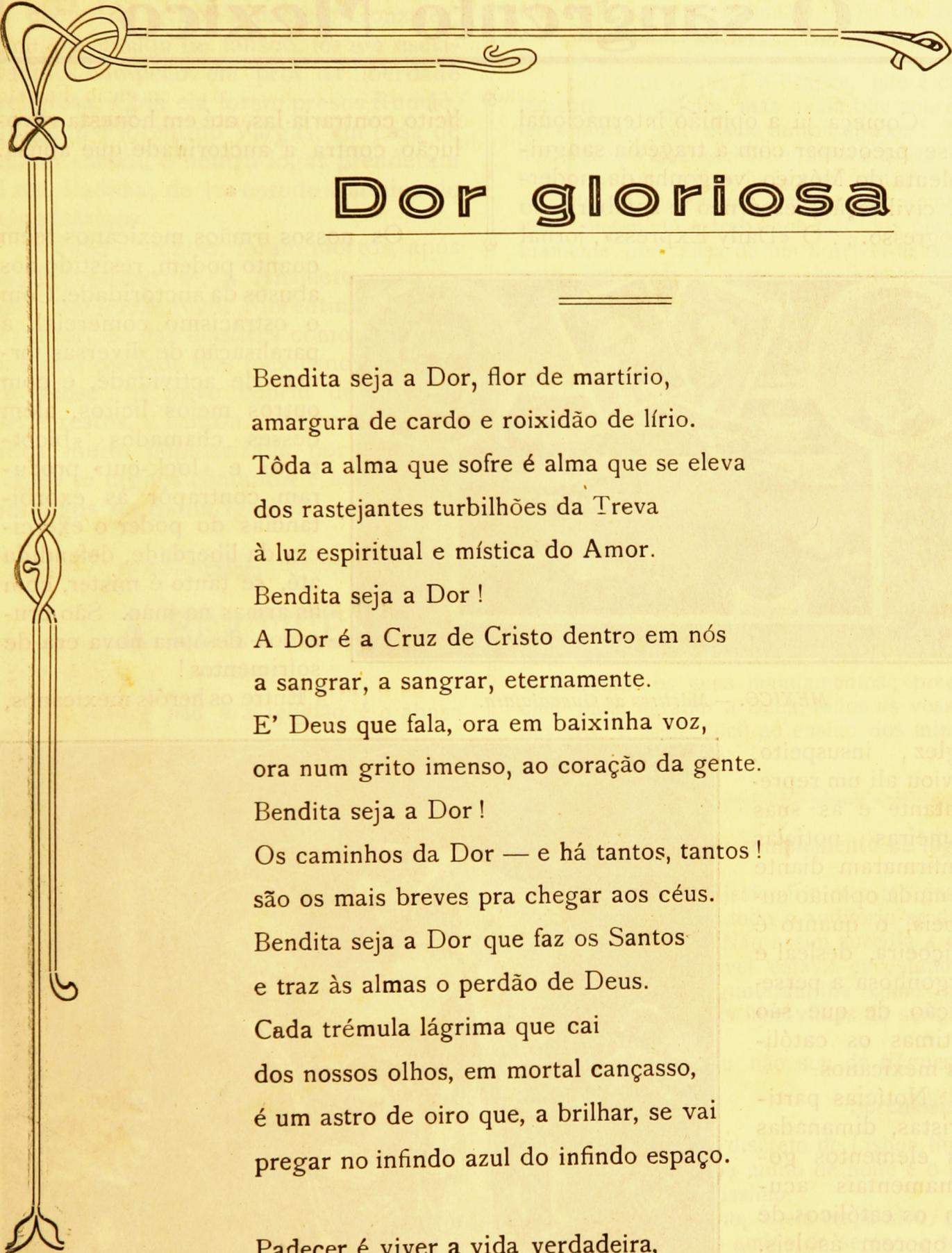
De muitos pontos do país recebeu a illustre familia do pranteado morto, telegramas e provas de sentidas condolencias.

A «Illustração Catholica», tambem manifesta o seu fundo pesar, pelo desaparecimento de tão illustre cidadão.

*PALMEIRA
BRAGA — A
igreja parochial
preparada para
as exequias do
dr. Rego.*

*Ornamentação da casa a
«Funeraria», de
Braga.*





Dor gloriosa

Bendita seja a Dor, flor de martírio,
amargura de cardo e roixidão de lírio.

Tôda a alma que sofre é alma que se eleva
dos rastejantes turbilhões da Treva
à luz espiritual e mística do Amor.

Bendita seja a Dor !

A Dor é a Cruz de Cristo dentro em nós
a sangrar, a sangrar, eternamente.

E' Deus que fala, ora em baixinha voz,
ora num grito imenso, ao coração da gente.

Bendita seja a Dor !

Os caminhos da Dor — e há tantos, tantos !
são os mais breves pra chegar aos céus.

Bendita seja a Dor que faz os Santos
e traz às almas o perdão de Deus.

Cada trémula lágrima que cai
dos nossos olhos, em mortal cançasso,
é um astro de oiro que, a brilhar, se vai
pregar no infindo azul do infindo espaço.

Padecer é viver a vida verdadeira,
desde a primeira hora à hora derradeira.

Bendita seja sempre a Dor, que em nós palpita !

Bendita seja ! bendita seja ! bendita !

MOREIRA DAS NEVES.

Ô sangrento Mexico

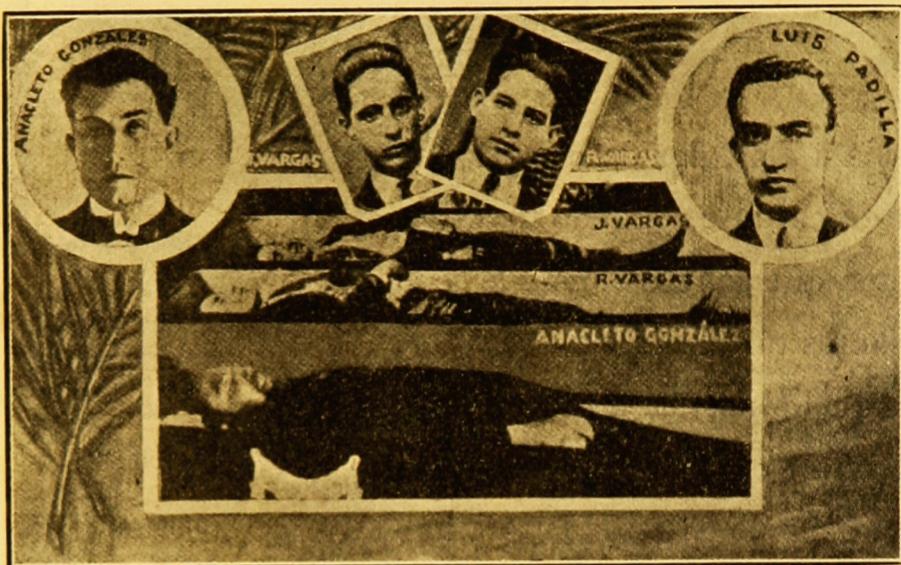
Começa já a opinião internacional a se preocupar com a tragédia sangüinolenta do México, vergonha da moderna civilização, escárneo e zombaria do progresso. . . O «Daily Express», jornal

lícito contraria-las, até em honesta revolução contra a auctoridade que abusa.

*

Os nossos irmãos mexicanos tem quanto podem, resistido aos abusos da auctoridade. Com o ostracismo comercial, a paralisação de diversas formas de actividade, e com outros meios lícitos, além desses chamados «bicotage» e «lock-out» procuram contrapôr às exorbitancias do poder o exercicio da liberdade, defendida até, se tanto é místico, com as armas na mão. São cruzados de uma nova era de sofrimentos!

Entre os heróis mexicanos,



MEXICO. — Mártires de Guadalajara.

inglês, insuspeito, enviou ali um representante e as suas primeiras notícias confirmaram diante da muda opinião europeia, o quanto é traiçoeira, desleal e vergonhosa a perseguição de que são vítimas os católicos mexicanos.

Notícias partidárias, dimanadas dos elementos governamentais accusam os católicos de se oporem ás leis. Mas as leis, violentando a liberdade de consciencia, são a mais horrorosa tirania. A «leis» de tal natureza não é crime, antes virtude, desobedecer, e é



Uma obra prima de ROMA. — A comunhão de S. José de Calazans.

merece citar-se os de Guadalajara. E' o chefe do grupo Anacleto Gonzalez, que no estado de Jalisco, foi um esclarecido campeão em prol da liberdade religiosa. Com ela foram presos Romão, Jorge e Florentino Vargas, em casa de quem estava, e noutra logar prenderam Luís Padilha, da Juventude Católica de Guadalajara.

Pouco depois, foram mortos, após alguns tormentos, a Anacleto, à exceção do mais novo, Florentino Vargas. O enterro dos mártires como lhes chama já a piedade dos mexicanos, foi uma apoteose; o povo cobriu de flores os seus restos, e cantou a deprecação litânica muito popularizada por Aniceto: «Que te dignes confundir e humilhar os inimigos da Santa Igreja!

A BEATICE

A beatice não é a religião, é o abuso dela.

O defeito, das pessoas que assim abusam da religião, de ordinário por ignorância, não devem ser-lhe imputados.

Abusa-se dela, bem como se abusa de todas as coisas boas. E' mister rejeitar o abuso, e conservar o uso.

E' necessário ser piedoso, sem todavia ser beato. Deus, que ama a piedade, não ama a beatice. Ele quer ver em nosso coração a devoção, isto é, a dedicação ao seu serviço, a dedicação para com os deveres que nos manda cumprir e o amor para com a sua lei; mas não quer vêr a beatice, quero dizer, essas pequenas manias, êsses hábitos mesquinhos ou supersticiosos de religião, que com freqüência fazem substituir o principal pelo acessório e tomar os meios pelo fim.

Todavia, importa dizê-lo, êsses abusos da religião não são nem tão grandes, nem tão odiosos como nos querem persuadir.

Ordinariamente não fazem mal a ninguém, e só prejudicam aqueles que os cometem. Os que caem nesses abusos são pessoas, comumente mulheres, os homens são menos atreitos, a tais defeitos, são pessoas, pouco ilustradas, que se fatigam, que se confundem com práticas exteriores, boas em si mesmas, porém muito multiplicadas; que tem maneiras singulares; que

atormentam a consciência com receio de fazer mal; que se inflamam, por um zêlo mal entendido, quando antes seria muito melhor calarem-se.

Eis aqui o que é a beatice. Isto é certamente um defeito, mas oxalá que sobre a terra jámais houvessem outros abusos! Todos aqueles que vociferam contra a beatice, todos aqueles que se indignam com as suas ridicularias, fazem-me lembrar um homem que, condenado a trabalhos forçados perpetuamente por causa de um horrível assassinato, indignava-se porque lhe tinham dado por companheiro na calceta... um ladrão.

Estes são muito mais dignos de vitupério do que aqueles a quem atacam.

A sua libertinagem, o seu mau procedimento, o esquecimento de seus mais sagrados deveres, a sua ignorância em matéria de religião, as suas conversações impúdicas, os seus máus exemplos, etc., etc., não são porventura abusos? Não são muitas vezes até crimes?

Tôda a sua vida é um abuso; e o abuso da devoção, segundo julgo, é o único de que não são culpados. Ora, não seria preferível que eles os trocassem pelo outro?

Não sejas pois beato, mas cristão e bom cristão. Amai a Deus, servi-o fielmente, observai os seus mandamentos; preenchei para agradar a Deus, todos os vossos deveres, e sede dócil ao ensino dos ministros de Jesus Cristo.

Comoção em complemento de logar

Prêgava um Missionário com tão grande veemencia que todo o auditório se desfazia em lágrimas. Não assim sucedia a um saloio que impassível estava encostado a uma coluna. Preguntaram-lhe como não chorava, apesar das maravilhas do sermão. E ele, logo:

— Senhores, eu não sou da frêguesia.

Serenissimo

Certo homem discreto de Lisboa tinha um filho que andava muito de noite e o pai lhe chamava Serenissimo.

Extranharam-lho, e ele respondeu, que sendo seu filho tão amigo do sereno, e tendo recebido tanto na cabeça, não se podia chamar menos do que serenissimo.

A nossa miseria

Difilo representava nos jogos Apolinares e aluzando ao verso: «Miseria nostra Magnus est», proferiu-a apontando para Pompeu Magno.

ANECDOTAS HISTORICAS

Cada coisa para o que é

Quando Alexandre era jovem, inclinava-se muito às artes, como a musica. O Mestre disse-lhe numa ocasião que tocasse certa corda. Alexandre perguntou: que mais importa que toque esta ou qualquer outra? O mestre respondeu: Para serdes bom Rei, importa pouco; porem para serdes bom citarista importa realmente.

Bons respigos!

O rei Antigono não desperdiçava meio algum de adquirir bens, e dizendo-lhe alguém que não fora assim Alexandre, seu antecessor, respondeu: Alexandre segou a Asia, e eu ando ao respigo.

Hesitante

Perguntaram ao Duque de Alva, o Velho, a sua opinião acerca de um Grande de Espanha que nas resoluções civis do rei Henrique IV com seu irmão D. Afonso vacilava em um e outro partido. Respondeu que lhe parecia cão de estalajadeiro, que ladra aos de fora, e morde aos de dentro.

A peor mortificação

Um que pretendia entrar numa Religião praticava com o Mestre dos Novços, o qual lhe perguntava se podia sofrer estas ou aquelas mortificações. Perguntou-lhe, por fim, se poderia sofrer um Prelado nescio. Respondeu que sim, e o Mestre lhe retrucou: Pois eu, não!

Distancia igual

Era Leonidas em campanha: um dos seus soldados, vendo o inimigo, disse-lhe: Senhor, já estão perto de nós. E nós perto deles, respondeu Leonidas.

Infructiferos

Morto Alexandre o orador Leostenes persuadia aos Atenienses que tomassem as armas, para restaurarem a sua liberdade.

Phocião admoestou-o: Amigo, as tuas razões são como os ciprestes, que sendo formosos e grandes, não dão fructo.

Primazia das coisas

Dizia o Conde de Vimioso ser corrupto o governo onde se cura mais do belo do que do util.

Paguem, embora protestem

Advertiram o Conde de Nassau que os Holandeses começavam a murmurar grandemente dos tributos que sobre eles incidiam. E ele prontamente respondeu: deixem cacarejar as galinhas que tão bons ovos nos dão.

Logar oculto

Certo irmão de um padre pouco affecto às suas obrigações, tinha uma moeda que não lhe convinha o soubesse o irmão e foi então escondê-la no Breviario, dizendo: Agora bem segura a tenho.

Má casa

Era Galba insigne orador, porem muito corcovado, pelo que dizia graciosamente Marco Lelio: Em má habitação demora o engenho de Galba.

Honoris causa

Os Atenienses fizeram seu cidadão a Cotis, rei de Tracia, como honra e distinção. Cotis mandou passar-lhes pergaminho declarando os atenienses cidadãos da Tracia, e dizendo: Per Jove! que pago em moeda do mesmo cunho.